

## RESENHAS

**MIREILLE CORBIER, *Donner à voir, Donner à lire. Mémoire et communication dans la Rome ancienne*, Paris, CNRS Editions, 2006, 294 p., ISBN 102271063825.**

Este volume congrega uma série de artigos e capítulos de livros publicados nos últimos vinte e cinco anos por Mireille Corbier, com *aggiornamento* bibliográfico e acréscimos de atualização. A grande epigrafista recolhe e analisa inscrições tanto latinas como gregas, a partir da noção de inscrição como monumento e memória. Dedicar-se a uma variedade de tipos de inscrições, como as epígrafes em estátuas, em tumbas, tábuas em bronze, entre outros. Enfatiza que a construção da memória não era um monopólio das elites, ainda que trata em detalhe das iniciativas oficiais e dos lugares públicos de enunciação (*celeberrimus locus*). As inscrições pintadas em ânforas – como o famoso *gari flos scombri Scauri* (molho excelente de peixe de Escauro) – podem ser relacionados à publicidade. As inscrições reportam tanto o latim erudito e oficial, como o latim vulgar, tanto a escrita cursiva, como as de mais fácil leitura, capitais monumentais, acessíveis aos pouco alfabetizados (como lembra uma passagem do *Satyricon*, de Petrônio: *lapidarias litteras scio*, “conheço as letras em pedra”). Muitos grafites refletem o aprendizado das letras.

Nenhuma sociedade posterior à romana deu tanta importância à publicação da escrita. Roma apresenta-se como uma sociedade na qual o poder imperial visava à comunicação, preocupado com o que Corbier denomina opinião pública. Compara Roma antiga com a Índia de nossos dias, pela profusão da escrita oferecida a uma população pouco alfabetizada: muitos sabem ler, ainda que muitos não o saibam. De fato, a escrita em Roma não era apanágio de uns poucos, de alguma classe de funcionários ou escribas. Apesar das dificuldades, muitos conseguiram ler, mesmo no caso dos não tão fáceis rótulos de ânforas: *dum titulos perlegimus*, “lemos com atenção o rótulo” (Petron. *Sat.* 34.6-7).

As imagens com inscrições eram ubíquas e muitas delas mostram como era necessário que as legendas explicassem a imagem, atribuindo nome dos personagens mitológicos, por exemplo. ‘Eram ricos, mas pouco cultivados’, diz Corbier. Interessada na alfabetização romana, ela propõe uma avaliação qualitativa. Havia duas escritas: por um lado, designa a língua do poder – das instituições públicas e das pessoas que se exprimem em seu nome –, por outro, a língua, cotidiana ou festiva, dos privados, que era muitas vezes contestadora e sempre rica de nuances sobre as múltiplas e complexas hierarquias sociais e culturais.

O estudo de inscrições oficiais também é destacado. Corbier mostra como o *aerarium militare* não era apenas um serviço contável, mas uma verdadeira caixa de compensações. Sempre está devidamente enfatizada a ligação indis-

solúvel entre o caráter material, físico, da inscrição e sua mensagem verbal. Corbier, ao tratar de Germânico, ‘que nunca deveria morrer’, compara a situação com aquela criada com a morte da princesa Diana, em nossos dias: emoções públicas, expressas na mídia moderna e antiga (*Tabula Siarensis*). Sua proposta de interpretação de uma inscrição única de Banasa, que se refere a “animais celestes”, é muito original. Interpreta não como uma alusão direta a animais como elefantes (como havia sido proposto), mas às feras selvagens que se tornariam “celestes” ao serem destinadas ao imperador Caracala. Interpreta, pois, *caelestia animalia* como uma expressão local norte-africana. Na mesma linha de ressaltar as especificidades locais, são tratadas as inscrições nos caminhos de transumância na península Itálica. Relaciona tais inscrições à ação dos transgressores. De Tácito a Dion Cássio (século III d.C.), em um século, os escravos pastores passam a ser tratados como bandidos, de *pastores* a *latrones*. A partir disso, estuda uma inscrição na porta monumental norte de Saepinum, do início do Principado, que se refere ao controle dos pastores.

Corbier dedica-se, também, ao estudo das inscrições que se referem às medidas de comprimento (*regulae*), mas também de conteúdo (*modii, rutella*). Mostra que conflitos sociais e econômicos giravam em torno das definições e das utilizações das medidas no Império Romano. A multiplicação dos lugares de fixação de inscrições a respeito das medidas dá uma abrangência geral, mediterrânea, a tais textos. A fixação tinha, portanto, um papel central na construção da confiança, necessária para o funcionamento do mercado.

O livro de Mereille Corbier constitui uma contribuição significativa, ao ressaltar a importância da epigrafia para a compreensão do mundo romano. Essas evidências, produzidas pela Arqueologia, constituem fontes de informação direta e original sobre os mais variados aspectos da vida e da História antigas. Como ressalta a autora, as epígrafes referem-se a uma imensa variedade social, ao transmitir informações oficiais ou privadas, eruditas ou populares, masculinas ou femininas. Permitem o estudo, com informações de outra forma não disponíveis, tanto da vida urbana, como rural, tanto do discurso do poder, como das contestações e dos conflitos sociais. Os trabalhos reunidos em um único volume, publicados de forma dispersa anteriormente, permitem ao leitor uma visão de conjunto de outra forma impossível. Corbier, como já o havia feito Geza Alföldy há três décadas, reafirma que não se pode mais conceber a História Antiga sem a Arqueologia. Este livro, ademais, mostra como o estudo das letras e da escrita também tem muito a ganhar com a contribuição das evidências materiais.

PEDRO PAULO ABREU FUNARI

ppfunari@uol.com.br

Universidade Estadual de Campinas, Brasil